



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

A reportagem em campo

Antes da eliminação do Brasil para a Noruega nas oitavas de final da Copa do Mundo, havia um ritual silencioso na redação do **Correio**. E começava muito antes do apito inicial, quando o editor perguntava: “Como está a movimentação na Asa Sul?” A coordenadora de produção respondia do Guará, enquanto um repórter estava a caminho de Ceilândia onde o bar de bairro, de repente, virava estádio. A Seleção Brasileira entrava em campo, mas a editoria de *Cidades* também.

Enquanto milhões de brasileiros assistiam ao jogo, a equipe do jornal jogava

outra partida. Não havia gramado, mas asfalto. Não havia chuteiras nos pés, mas celulares nas mãos. O placar interessava, claro, mas talvez mais importante fosse descobrir como Brasília vivia aqueles 90 minutos.

A cada gol, os repórteres precisavam vencer o abraço coletivo para entrevistar o garçom que acabava de vender mais uma rodada. A cada defesa do goleiro, os fotógrafos registravam a tensão estampada no rosto de quem segurava o copo sem perceber. Quando a derrota ameaçava, era preciso encontrar as palavras

certas para traduzir o silêncio. E, quando a vitória vinha, era preciso correr antes que a festa terminasse.

Ao longo do Mundial da Fifa, as matérias mostravam bares lotados, vendas aquecidas, ruas coloridas de verde e amarelo, ambulantes comemorando faturamentos improváveis e comerciantes agradecendo ao calendário atípico. Mas, por trás de cada linha publicada, havia uma equipe que também aprendia a torcer contra o relógio. Enquanto o país comemorava ou lamentava, a reportagem se comunicava com os subeditores enquanto voltava para a redação para transformar emoções em notícia.

Existe uma curiosa ironia no jornalismo: os profissionais estão sempre no

centro dos acontecimentos, mas raramente fazem parte da história. Somos testemunhas da felicidade alheia, cronistas da euforia coletiva, observadores do abraço que não pode prolongar porque ainda falta ouvir mais uma fonte, conferir mais um dado, escrever mais um parágrafo.

Durante os dias em que o Brasil permaneceu na Copa, a cidade ganhou uma pulsação diferente. O comércio vendeu mais, os bares ficaram cheios, as buzinas voltaram a conversar entre si. E o **Correio** cumpre sua missão de registrar não apenas o futebol, mas os efeitos que ele provocava na vida da capital.

Quando a Seleção foi eliminada, os bares esvaziaram. As bandeiras começaram a desaparecer das janelas. Os vendedores

recolheram camisas, cornetas e bandeirinhas. Também a rotina da editoria de *Cidades* voltou ao compasso habitual, sem as escalas especiais e sem a ansiedade de decidir, todas as manhãs, onde estaria a melhor história.

Mas ficou uma certeza: Copas do Mundo acabam, mas o jornalismo, não. Porque enquanto houver uma cidade vivendo intensamente qualquer emoção coletiva, haverá sempre uma equipe disposta a percorrer suas ruas para contar o que os olhos apressados da torcida nem sempre conseguem perceber. No dia seguinte ao jogo, quando a festa é lembrança e os gritos viram eco, é a reportagem que preserva aquilo que o apito final nunca consegue levar embora.

Memórias DE GRANDES encontros

Mostra reúne fotografias, reportagens e documentos do acervo do **Correio** para contar a história dos encontros culturais entre a França e a capital federal. A partir de hoje, a exposição poderá ser visitada gratuitamente no Parque da Cidade

» PAULO GONTIJO

A história da presença francesa em Brasília, registrada ao longo de décadas nas páginas do **Correio**, ganhou destaque, ontem, com a inauguração da exposição *A França em Brasília — Memórias de encontros culturais*, na Embaixada da França. Produzida em parceria com o Centro de Documentação e Memória (Cedoc) do jornal, a mostra reúne registros históricos que retratam a relação entre o país francês e a capital federal. A proposta é mostrar como esses registros ajudam a preservar a memória da cidade.

A partir de hoje, às 14h, a exposição será aberta ao público no Parque da Cidade Sarah Kubitschek, no Estacionamento 11, onde permanecerá por 15 dias, com entrada gratuita. No local, os visitantes poderão conhecer de perto fotografias, reportagens e documentos que retratam mais de seis décadas de intercâmbio entre as duas nações e revelam como o **Correio Braziliense** registrou essa história ao longo do tempo.

A exposição integra as comemorações do Dia Nacional da França (ontem) e celebra os 50 anos da Embaixada em Brasília. O percurso apresenta registros que evidenciam como a capital brasileira se tornou palco de importantes encontros entre artistas, intelectuais e personalidades francesas, transformando-se em um espaço de intercâmbio cultural ao longo de mais de seis décadas.

Entre os destaques da mostra, estão fotografias, capas de jornal e reportagens sobre a visita de André Malraux, em 1959, quando o escritor definiu Brasília como a “capital da esperança”. O acervo reúne registros da passagem por Brasília de nomes, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Belmondo, Catherine Deneuve, Charles Aznavour, Yves Montand, Henri Salvador e Manu Chao, além de outros artistas que fortaleceram a aproximação cultural entre os dois países.



O público poderá conferir a mostra a partir de hoje, às 14h, no Estacionamento 11 do Parque da Cidade, com entrada gratuita



O embaixador da França no Brasil, Emmanuel Lenain



O adido de Cooperação e Ação Cultural, Laurent Weil



Filipe Ferreira, secretário-geral do Serviço Cultural



Cilene Vieira (E), do Centro de Documentação do Correio

Para o adido de Cooperação e Ação Cultural da Embaixada da França no Brasil, Laurent Weil, a exposição representa uma oportunidade de compartilhar com o público um patrimônio histórico que retrata a amizade entre os dois países. “É um grande prazer apresentar esta exposição em um dia de celebração. Ela conta uma história cultural muito rica, que começou em 1959, com André Malraux, e passa por artistas como Jean-Paul Belmondo, Catherine Deneuve e Charles Aznavour. É uma alegria compartilhar essa memória com o público de Brasília”, afirmou.

Cultura

Segundo Weil, a exposição reforça o papel de Brasília como um importante centro de intercâmbio cultural. “Este ano comemoramos os 50 anos da Embaixada Francesa em Brasília. É um bom momento para mostrar essa história ao público. Espero que as pessoas descubram a riqueza dos intercâmbios entre nosso país e o Brasil. Brasília é uma cidade incrível, e teremos muitos outros encontros nos próximos 50 anos”, disse.

O embaixador da França no Brasil, Emmanuel Lenain, ressaltou que a exposição simboliza uma relação histórica entre os dois países e reforça os laços construídos ao longo de dois séculos de amizade. “No ano passado, celebramos 200 anos de amizade entre os dois países. Hoje, os laços são muito fortes. A população francesa gosta muito dos brasileiros e esta celebração representa essa amizade”, afirmou.

Lenain destacou a parceria com o jornal na realização da mostra. “Estamos muito felizes com essa parceria porque o **CB** é uma grande parte da história e uma qualidade reconhecida”, disse.

A gestora do Centro de Documentação e Memória do **Correio Braziliense**, Cilene Vieira, explica que a mostra é resultado de um extenso trabalho de pesquisa realizado pela equipe do Cedoc. O levantamento envolveu a consulta a milhares de registros históricos e revelou documentos que nem mesmo a Embaixada conhecia. “Foi um trabalho de equipe incrível. Fizemos verdadeiros achados no acervo desde 1959. Encontramos registros de artistas franceses que nem a Embaixada sabia que tinham vindo a Brasília. A exposição e o caderno especial (distribuído no evento) mostram essa integração cultural entre os dois países”, destacou.

Ainda para Cilene, o projeto reforça o papel do jornal como guardião da memória da capital. “Não existe história de Brasília sem o **Correio Braziliense** e sem o Cedoc. A primeira edição do jornal já registrava a visita de André Malraux e, desde então, acompanhamos a construção da história da cidade. O acervo preserva não apenas a relação entre França e Brasília, mas inúmeros outros acontecimentos que marcaram a capital”, afirmou.

No dia **21 de abril de 2027**, a maior celebração do esporte retorna à Esplanada dos Ministérios, em Brasília. **Dos 3km ao desafio supremo dos 42km**, estaremos juntos, mais uma vez, para irmos além.